

RELIGIÃO E MERCADO
Fórum Mundial de Teologia e Libertação
Porto Alegre, 21 a 25 de janeiro de 2005.
Jung Mo Sung

Esquema:

1. Quando se analisa criticamente a relação entre a religião e mercado, ou quando se critica o mercado ou o sistema de mercado a partir dos valores ético-religiosos, é preciso levar em consideração algumas questões.
 - a. As grandes religiões surgiram e foram sistematizadas nas sociedades pré-modernas, de economia mais simples, e defendem valores comunitários, enquanto que o atual sistema econômico é amplo, complexo, moderno (no sentido que busca a novidade e o progresso) e impessoal (não comunitário).
 - i. Os valores de solidariedade, justiça econômica e social, etc. propostas pelas religiões foram, na sua maioria, elaboradas em um mundo pré-moderno, com forte conotação “intencional” em relações intersubjetivas; enquanto que em sociedades amplas e complexas as relações econômicas e sociais são mediadas por instituições impessoais e auto-organizadores. Razão pela qual a TL criou a noção de pecado estrutural, pecado que não está na esfera das intenções ou das relações interpessoais.
 - b. A religião como conhecemos hoje, um sub-sistema dentro da totalidade social distinto do “mundo secular”, é uma criação do mundo moderno, do processo de secularização. A perspectiva religiosa do mundo ou a religião como um sistema de discursos e práticas referentes a forças superiores/sobre-naturais são diferentes de outras perspectivas não-religiosas do mundo e de sistemas de discursos e práticas que constituem outros sub-sistemas ou grupos sociais.
 - i. Com isso, críticas a mercado em nome de valores religiosos são aceitos somente por grupos que pertencem à mesma tradição religiosa ou compartilham a mesma perspectiva religiosa.
 - ii. A economia sendo vista como um sub-sistema diferente da religião, os agentes econômicos e a população em geral que não compartilham da mesma tradição religiosa não aceitam e nem entendem essas críticas ao sistema de mercado feitas desde fora da economia, a partir da religião.
 - c. No mundo pré-moderna não havia a religião como conhecemos hoje; o mundo não era dividido entre o “secular” e o “religioso”, mas entre o sagrado e o profano. A economia não tinha a ver com a religião, mas com o sagrado ou com Deus.
 - i. A crítica sobre o mercado não deve ser feita a partir da religião, mas sim a partir da perspectiva teológica. A crítica teológica da economia não pode pretender substituir as ciências econômicas e nem se reduzir a uma teoria econômica de segunda categoria.
 - ii. Criticar os pressupostos e as lógicas teológicas sacrificiais subjacentes às teorias e práticas econômicas; assim como criticar as teologias sacrificiais das religiões.
 - iii. Essa crítica é uma crítica que não assume uma religião ou uma doutrina como o seu ponto de partida para criticar o mercado, mas sim uma visão não sacrificial de Deus e das lógicas sociais e critica as religiões e o sistema de mercado.
2. 3 modelos de crítica teológica ao mercado.

- a. Uma crítica metafísica ao mercado como tal: a partir da crítica aos efeitos sociais do sistema de mercado sobre a vida dos pobres e sobre as relações comunitárias, muitos criticam o mercado “em si” e propõe projetos de sociedades onde não haja espaço significativo para relações mercantis.
 - i. Uma visão profundamente otimista do ser humano: um ser solidário, sem interesses e desejos conflitantes consigo mesmo, com outros e com a sociedade.
 - ii. Uma proposta anarquista, a-institucional, em relação ao modelo social: os valores comunitários e solidários implementados diretamente.
 - 1. Negação da economia como uma ciência moderna.
 - iii. A partir das experiências positivas no nível micro-social, elaboração de projetos sociais que são simplesmente projeção do micro-social ao nível do macro-social.
- b. Uma crítica da razão utópica ao sistema de mercado.
 - i. Crítica à pretensão utópica e sacrificial do “mercado total” do neoliberalismo, como também ao “planejamento total” do socialismo de soviético ou à implantação plena do RD no interior da história humana.
 - 1. crítica à idolatria do mercado e não ao mercado como tal.
 - ii. Reconhecimento de que não é possível uma economia sem relações mercantis, mas a ênfase na crítica ao sistema de mercado, nos aspectos negativos do mercado.
 - iii. Dificuldade em propor alternativas viáveis.
 - 1. qual é o papel da teologia na proposição e construção de modelos alternativos de sociedade em um mundo moderno?
- c. Aceitação crítica e positiva do mercado como um sistema auto-organizador.
 - i. Reconhecimento da existência de sistemas auto-organizadores no mundo natural e social.
 - 1. O problema da coordenação da divisão social do trabalho em sociedades amplas e complexas: é possível uma coordenação totalmente consciente e centralizada?
 - 2. O funcionamento de sistemas complexos sem uma coordenação centralizada e consciente aponta para a auto-organização do sistema.
 - ii. Crítica à idolatria do mercado: os discursos ideológicos mais significativos do neoliberalismo estão usando a teoria da auto-organização e da auto-poiese (auto-fazimento).
 - 1. Sistema de mercado neoliberal como resultado da evolução das espécies e da sociedade humana. Uso da biologia e teoria da evolução na economia.
 - 2. fé no caráter sempre benéfico do mercado,
 - 3. redução da solidariedade social à lógica do mercado.
 - 4. Sacrificialismo do sistema de mercado “total”: o sacrifício da vida dos pobres é a condição para a eficiência do mercado e a futura inclusão dos pobres.
 - iii. Como criar valores éticos, sociais e espirituais que sustentem mecanismos institucionais de solidariedade social?
 - 1. Solidariedade intencional e solidariedade institucional, auto-organizador.
 - 2. O papel da “espiritualidade” de uma sociedade na dinâmica auto-organizadora da sociedade:

- a. Marco categorial sacrificial das religiões, do neoliberalismo e das propostas “revolucionárias” radicais.
- b. Marco categorial não-sacrificial e a não-segurança e a incerteza sobre o futuro e projetos sociais alternativos.